

Senhor Presidente,  
Ilustres Membros da OAB,  
Colegas Advogados,  
Senhoras e Senhores,

*“Tantas vezes me mataram  
Tantas vezes eu morri  
No entanto, estou aqui  
Ressuscitando”  
(Mercedes Sosa)*

Mal o dia amanhecia e o escritório de que faço parte foi profanado. Era o malfazejo dia de 20 de abril de 2007, faz quase 12 anos. Assim, também ocorreu com a minha residência e família poucas horas depois.

Sob o comando brutal de um Delegado da Polícia Federal e alegando tratar-se da Operação Themis, nome da deusa grega que representa a Justiça, o que por certo era uma ironia ou deboche, fomos todos isolados pelos policiais que estavam ostensivamente armados e pareciam querer enfrentar o exército soviético, porém, não detinham a única munição para estar no meu escritório e residência, o mandado de busca e apreensão.

A arrogância era tamanha que até parecia descrever as lembranças do premiado escritor italiano Primo Levi, prisioneiro em Auschwitz, que ao se dirigir a um soldado da Gestapo e indagar a razão de todo aquele sofrimento recebeu uma brutal coronhada e a resposta que imortalizou em livro: “aqui não existe por quê!”.

Com claro abuso de autoridade, entraram nas salas dos meus sócios de escritório para arrombar armários e gavetas, levando de lá cópias de processos de diversos clientes, agendas de prazos, agendas de telefone e computadores do escritório. A ação criminosa paralisou o ofício da advocacia

por pelo menos três semanas.

Um prejuízo imenso para os clientes que temos a honra de patrocinar.

Em meu apartamento, minha mulher e meu filho, então com 11 anos, enfrentaram fuzis, submetralhadoras, pistolas, granadas e carabinas.

Enfrentaram indefesos o terror.

Estes policiais nada sabiam sobre mim e apenas perguntavam onde estava “o dinheiro”.

Com firmeza lhes era dito o óbvio: “que o que tínhamos estava no banco”.

Nervosos com este fato, os “gendarme” acabaram apreendendo todos os computadores (inclusive o do meu filho), joias da minha esposa, contratos e veículos que se encontravam na garagem do apartamento.

Os invasores, incrivelmente, não portavam nenhum mandado, tampouco comunicaram a OAB acerca das diligências realizadas.

Themis, a deusa da Justiça, mãe da Equidade, da Lei e da Paz, deve ter se envergonhado de terem usado o seu nome nesta farsa tenebrosa.

Depois de longamente exposto pela mídia escrita, visual e virtual – fato desagradável que até hoje macula meu nome – pois que tal exposição parece eterna, descobrimos o motivo de todo espetáculo circense e ilegal, que se circunscrevia ao fato de eu ser advogado de uma juíza federal, **que JAMAIS me**

**atendeu em qualquer pedido.**

**Ao contrário, a única vez em que tive uma causa por ela julgada, a pretensão foi por ela indeferida.**

Esclarecidos estes fatos ao Ministro do Superior Tribunal de Justiça que relatava o Inquérito da Operação Themis e que compreendeu imediatamente o erro, conforme parecer do Ministério Público Federal, a Justiça pareceu-me ter voltado, tanto com a exclusão do meu nome do Inquérito, quanto com a determinação, em maio de 2007, da devolução de todos os bens apreendidos pela Polícia Federal: os meus, da minha esposa, do meu filho de 11 anos e do próprio escritório onde sou sócio.

Mas, antes de devolver os nossos computadores, o Delegado da Polícia Federal exigiu que fornecêssemos um HD externo para que ele copiasse os dados dos nossos computadores, sob a alegação de que a Polícia Federal não tinha recursos financeiros para fazer esta aquisição.

Claro que do alto do nosso direito, nos recusamos a entregar este HD externo e ainda alertamos que iríamos representar o Delegado pelo descumprimento da ordem judicial de devolução dos nossos bens.

E no dia 04 de junho de 2007, menos de 30 dias depois do ocorrido, recebi às 6hs da manhã no meu apartamento, nova equipe da Polícia Federal, desta vez armados com pistolas e um mandado de prisão temporária, porém, novamente sem qualquer representante da OAB.

Estava consumada a Vendetta! Fui conduzido numa tal “Operação Xeque-Mate”, que dizia respeito a contrabando de máquinas caça-níqueis no

Estado do Mato Grosso do Sul, terra boa onde tenho o orgulho de ter nascido.

Fiquei dois dias preso no presídio de segurança máxima, no regime diferenciado disciplinar, um dia na carceragem da Polícia Federal e quatro dias no Corpo de Bombeiros em Campo Grande, sem prestar nenhum esclarecimento e sem saber os motivos de ali estar. Como na Auschwitz de Primo Levi, ali também não havia por quê.

Quando fui solto, era um homem preso a acontecimentos terríveis: o casamento desfeito e a vida literalmente destruída. E a incrível descoberta de que **NÃO FUI alvo de NENHUMA investigação no Inquérito Policial da Operação Xequê-Mate**, não tive decretada qualquer interceptação telefônica e apenas me incluíram, por simples maldade, no pedido de prisão temporária, junto de outras 83 pessoas das quais nunca tinha ouvido falar e de um colega, advogado do Mato Grosso do Sul, com o qual partilhei honorários por ele ter trabalhado comigo por mais de seis anos em dois processos de natureza possessória que tramitaram naquele Estado.

Este mesmo colega, competente advogado do Mato Grosso do Sul, sabendo da minha absoluta inocência e nenhuma participação com o assunto ali tratado, perguntou ao Delegado responsável pela Operação Xequê-Mate, o porquê da minha detenção, tendo recebido a resposta mais baixa que poderia ter escutado de um profissional formado nos mesmos bancos universitários que nós. Disse o Delegado: “*o problema deste Dr. Márcio não é comigo, é em São Paulo. Ele só está preso como castigo para aprender a respeitar autoridade*”.

Obviamente que o Delegado, conhecedor do direito tanto quanto qualquer um de nós, negou ter dito isto ao prestar depoimento judicial, mas já não havia como manter uma acusação leviana e desprovida sequer de indícios contra mim, o que proporcionou a minha absolvição sem qualquer recurso do

Ministério Público.

A Vendetta se desmoralizou por si mesma!

Relato estes fatos para que todos se conscientizem de que: a) sozinhos, **somos nada!** Somos um simples feixe de bétula que pode ser quebrado por qualquer um, mesmo que se trate do melhor feixe de bétula do mundo; b) mas juntos, nos tornamos o “*fascio littorio*”, que garantiu plena Justiça aos cidadãos romanos e transformou àquela sociedade numa das maiores comunidades organizadas do planeta.

E esclareço que minha referência é apenas ao Direito Romano, sem nenhuma comparação com o mau uso moderno do “*fascio*”, ao qual condeno, por democrata convicto que sou.

Só faço este paralelo por ver na OAB o enlace, a liga que fortalece os advogados, promovendo, “*sponte propria*”, no meu caso, a defesa moral perante meus colegas, que o Estado entendeu como irrelevante. Hoje, mais que nunca, louvo a OAB como guardiã do Direito e promotora das liberdades públicas e individuais.

Foi a corajosa OAB que, conscientemente, acompanhou, analisou e individualizou as condutas, concluindo que o desrespeito às minhas prerrogativas, **implicou no desacato de toda classe dos advogados**, resultando no insulto à própria JUSTIÇA, como aduz o artigo 133 da Constituição Federal: “*Art. 133. O advogado é indispensável à administração da justiça, sendo inviolável por seus atos e manifestações no exercício da profissão, nos limites da lei.*”

Conhecemos a igualdade, a legalidade, a impessoalidade e a imparcialidade que norteia a mitológica deusa Themis e a própria Nação Brasileira.

Porém, pergunto, quando um de nós poderá invadir a residência de um Delegado da Polícia Federal ou de um Procurador da República para reproduzir o mesmo estrago a mim causado **sem o risco de responsabilização, como ordinariamente ocorre com eles?**

Qual a superioridade que tais funcionários públicos acreditam possuir diante de nós, advogados formados nas mesmas faculdades de Direito, com idênticas capacidades e por vezes responsabilidades até maiores que as deles?

Neste ponto, relembro a jocosa frase dita pelo grande Professor Celso Antônio Bandeira de Mello:

*“se quieres conocer a Joanito, dá-le un carguito!”*

Enfim, advogados isolados, JAMAIS vencerão a onipotência de quem, a despeito de ser um servidor público, ao fim das contas acredita possuir uma sesmaria imperial seiscentista, podendo praticar o abuso que quiser em nome da lei, na contrafação espúria do Direito.

A defesa para este estado de ilegalidade só virá com a união de todos em torno da OAB, o que me faz lembrar do Intermezzo de Bertold Brechet, que, a propósito, muito reflete o que passei em 2007 e diz:

*Primeiro levaram os negros*

*Mas não me importei com isso*

*Eu não era negro*

*Em seguida levaram alguns operários*

*Mas não me importei com isso*

*Eu também não era operário*

*Depois prenderam os miseráveis*

*Mas não me importei com isso*

*Porque eu não sou miserável*

*Depois agarraram uns desempregados*

*Mas como tenho meu emprego*

*Também não me importei*

*Agora estão me levando*

*Mas já é tarde.*

*Como eu não me importei com ninguém*

*Ninguém se importa comigo.*

A poesia do notável dramaturgo germânico é conhecida por todos, mas acredito que apenas aqueles que sofreram a miséria da injustiça, a mais vil e abjeta das perseguições, saberão entendê-la nas minúcias e principalmente dar importância à guarnição silenciosa que a OAB proporciona a toda sociedade brasileira.

É por isso que mais uma vez agradeço a constante ação da OAB, que, em momento algum deixou desamparado o negro, o operário, o miserável, o desempregado, **tampouco qualquer dos seus advogados**, o que, mais uma vez reflete outro fantástico verso de Brechet:

*Há homens que lutam um dia, e são bons;*

*Há homens que lutam por um ano, e são melhores;*

*Há homens que lutam por vários anos, e são muito bons; e*

*Há outros que lutam durante a vida, **esses são imprescindíveis***

Não tenho dúvidas de que **os imprescindíveis** estão aqui, na Ordem dos Advogados do Brasil, defendendo com toda força de suas almas a igualdade, a fraternidade e a liberdade garantida pela já esquecida e ultrajada Constituição Federal de 1988.

Finalizo agradecendo a solidariedade recebida ao longo dos anos, aos meus familiares, especialmente ao meu inesquecível pai que não pode assistir a este desagravo, mas que se faz presente na figura da minha mãe, da minha esposa mulher e filhos, sementes de esperança; além dos meus companheiros de trabalho, amigos e clientes aqui presentes, que me prestigiam colocando em minhas mãos a confiança para patrociná-los nos tribunais, que conhecem o meu caráter e minha confiança nesse país que tanto amo.

A eles, só a eles, pertence minha honra.

Obrigado!